



## **Racismo, espaços de representação e a voz das mulheres negras em Portugal**

### **Racism, spaces of representation and the voice of black women in Portugal**

**Bianca Rosina Mattia<sup>1</sup>**

**Resumo:** Neste artigo, especialmente a partir dos estudos de bell hooks (2019a; 2019b) e de Grada Kilomba (2019) acerca das discussões em torno de representação, voz e racismo, pretende-se apresentar algumas reflexões em torno da ocupação de espaços predominantemente masculinos, brancos e heterossexuais por parte de mulheres negras em um contexto em que se recuperam as posições coloniais de *sujeito* e *objeto*. Para tanto, coloca-se em diálogo a candidatura e eleição, em Portugal, da deputada Joacine Katar Moreira, sob ataques racistas e o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, no qual se revelam marcas do passado colonial sob as práticas diárias de racismo em Lisboa. A par disso, propõe-se que a mudança da realidade violenta do racismo pressupõe a ocupação cada vez maior de espaços de representação, onde as vozes de mulheres negras se façam ouvir.

**Palavras-chave:** Literatura; Mulheres negras; Representação; Racismo; Voz

**Abstract:** In this article, especially from the studies of bell hooks (2019a; 2019b) and Grada Kilomba (2019) about the discussions around representation, voice and racism, I intend to present some reflections about the occupation of spaces predominantly male, white and heterosexuals by black women in a context in which the colonial positions of *subject* and *object* are recovered. To this end, the candidacy and election, in Portugal, of deputy Joacine Katar Moreira, under racist attacks and the novel *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), by Djaimilia Pereira de Almeida, in which are revealed marks of the colonial past under the daily practices of racism in Lisbon. Thus, it is proposed that changing the violent reality of racism presupposes the increasing occupation of spaces of representation, where the voices of black women make themselves heard.

**Keywords:** Literature; Black women; Representation; Racism; Voice

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLit/UFSC). Mestra em Literatura (PPGLit/UFSC, 2018). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (UFSC, 2019). Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais (UPF, 2008). Integra o quadro discente do Núcleo de Literatura Brasileira Atual - Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade (LITERATUAL/UFSC). Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura, periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Tem interesse em Literatura Portuguesa (séc. XX e XXI) e nos Estudos Literários sob a perspectiva dos Estudos de Gênero e da Crítica Feminista.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

## 1 O racismo como reatualização do passado colonial – breves considerações iniciais

O aumento de ataques racistas em Portugal, aliados a uma escalada autoritária na Europa, ao mesmo tempo em que são respondidos de forma cada vez mais imediata por manifestações antirracistas, adentram nos debates políticos da sociedade portuguesa e trazem à tona questões ainda não resolvidas do passado colonial.

Em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008, p. 85) defende o princípio de que “uma sociedade é racista ou não o é”, sem deixar de advertir a necessidade de compreensão dessa evidência como condição de enfrentamento de muitos outros problemas. A defesa de Fanon (2008) vai de encontro a discursos que buscam diferenciar práticas racistas: “[...] gostaríamos que aqueles que se encarregam de descrever a colonização lembrem-se de uma coisa: é utópico procurar saber em que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano.” (FANON, 2008, p. 85). Ainda que o princípio apontado pelo autor pareça estar longe de ser efetivamente compreendido pela sociedade, nota-se que há uma necessidade de aplacar os problemas oriundos do enfrentamento/reconhecimento do racismo, porém, sob uma estratégia de transmutação discursiva consubstanciada em uma narrativa benevolente construída a partir dos chamados “Descobrimentos”, da “democracia racial”, das relações de irmandade entre (ex) países colonizadores e (ex) países colonizados. Camuflam-se, assim, as práticas racistas sob as quais se estruturam as sociedades contemporâneas, consequências de um problema maior: o problema colonial. Problema este que, como bem pondera Aimé Césaire em seu *Discurso sobre o colonialismo*, ao lado do problema do proletariado, originaram-se pela existência da “civilização chamada ‘europeia’, a civilização ‘ocidental’” (2010, p. 15, grifos do autor) a qual se mostra incapaz de resolvê-los (CÉSAIRE, 2010).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

A deparar-se cada vez mais com práticas racistas cotidianas, Portugal dá-se a ver com seu problema colonial. De acordo com a pesquisadora portuguesa Joana Gorjão Henriques, “[...] o passado se reactualiza nos nossos dias” (2017, p. 14). Em seu estudo, Henriques, destaca, dentre outros fatores, a ausência de representatividade, numa inexistente “[...] correspondência entre o número de negros que vemos na rua e o número de negros em lugares de liderança na sociedade, [...]” (2017, p. 13), o que “[...] espelha um sistema que discrimina pela cor da pele.” (2017, p. 13). Em Portugal, nota-se uma significativa falta de maior reflexão acerca do “papel dos portugueses enquanto colonizadores e, especificamente, sobre a sua responsabilidade no desequilíbrio das relações raciais entre brancos e negros, bem como sobre a sua responsabilidade na criação e na persistência do racismo.” (HENRIQUES, 2017, p. 13).

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é a de apresentar algumas reflexões acerca da ocupação de espaços, não apenas de liderança, mas especialmente de espaços de representação, os quais oportunizam a expressão e a ampliação da voz, sobretudo de mulheres negras. Num contexto de “reactualização do passado” (HENRIQUES, 2017), em que se recuperam as posições coloniais de *sujeito* e *objeto*, e onde o colonialismo, aliado aos outros dois modos de dominação: o capitalismo e o patriarcado (SANTOS, 2019), tais espaços, majoritariamente ocupados por homens, brancos e heterossexuais, alocam, também neles, práticas racistas. Para tanto, nas reflexões que apresento, busco aproximar dialogicamente a candidatura e a eleição, em Portugal, da deputada negra Joacine Katar Moreira, sob ataques racistas e sexistas, e o cenário narrado no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, o qual apresenta as marcas de um passado colonial ainda presente em Lisboa.

## **2 A romper posições coloniais, a eleição de mulheres negras**



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

No ano de 2019, durante as eleições para o parlamento português, “o país socialista que víamos como uma espécie de respiro da Europa, em relação ao crescimento da extrema direita” (FALCI, 2019, n.p), protagonizou um episódio que expôs não apenas a incapacidade na resolução do problema colonial, de que fala Césaire (2010), mas o quanto ele está latente na sociedade portuguesa, desvelando o racismo fortemente presente nas estruturas políticas e sociais. Trata-se da eleição da deputada Joacine Katar Moreira, mulher negra, nascida na Guiné-Bissau, naturalizada portuguesa e residente em Portugal desde os oito anos de idade. Os ataques racistas sofridos durante a campanha, e que também questionaram a capacidade da candidata para o exercício do cargo tendo em vista sua gagueira, não conseguiram impedir sua eleição. Esta, contudo, não foi suficiente para cessá-los: sob o argumento de que Joacine não estava priorizando o país que a naturalizou, uma vez que durante a comemoração ao final do pleito, a deputada recém eleita não se opôs que uma bandeira da Guiné-Bissau fosse levantada, foi interposta uma petição requerendo o impedimento de sua posse ao cargo (FALCI, 2019).

Deste episódio – ao qual se somam outros<sup>2</sup> que se seguiram também contra Mariana Mortágua e Beatriz Gomes Dias, ambas deputadas negras no parlamento português – é possível depreender que o racismo, nas suas práticas diárias, não está isolado de outros marcadores, como o de gênero e o de classe, antes se realiza numa interligação com eles, o que permite compreendê-lo a partir de uma metodologia interseccional. Com fundamento no conceito de interseccionalidade, apresentado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw em 2001, “[...] a intersecção do

---

<sup>2</sup> Em 2020, na escalada de ataques extremistas em Portugal com manifestações contra ativistas e organizações antirracistas, a polícia confirmou que investiga as ameaças de morte assinadas por um grupo extremista contra as três deputadas negras e outras sete ativistas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-14/portugal-investiga-ameacas-de-morte-da-extrema-direita-contra-tres-deputadas.html>. Acesso em: 20 set. 2020.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

racismo e do sexismo afeta as vidas das mulheres negras de maneiras que não podem ser capturadas completamente examinando as dimensões de raça ou gênero dessas experiências separadamente.” (CRENSHAW, 2017, n.p). Para Carla Akotirene (2019), estudiosa da interseccionalidade, o conceito proposto por Crenshaw,

visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Akotirene (2019) destaca que, após a primeira manifestação de Crenshaw referindo-se ao conceito, ela voltou a ele e definiu interseccionalidade de maneira a abarcar “a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. [...]” (CRENSHAW apud AKOTIRENE, 2019, p. 73). Dessa forma, considera-se que, numa análise interseccional acerca dos ataques racistas à candidatura e à eleição de Joacine Katar Moreira para o parlamento português, além das manifestações odiosas relativas a sua condição de gênero e raça, é também o passado colonial que vem à tona e se verbaliza em ordens como esta: “Volte para o seu país de origem”<sup>3</sup>.

A frase proferida à deputada traz consigo, na ainda não superada história colonial, o desejo de manter as posições coloniais de *sujeito* e *objeto* (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28). Retomando o pensamento de bell hooks, Grada Kilomba

---

<sup>3</sup> Diante do registro de um projeto de lei no qual Joacine propõe que se crie uma lista do patrimônio que Portugal deveria devolver para as suas antigas colônias, o único deputado de extrema-direita no parlamento português registrou em sua conta pessoal no Facebook a opinião de que Joacine deveria voltar para Guiné-Bissau. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2020/01/5860312-politico-portugues-de-extrema-direita-diz-a-deputada-negra-que-volte-para-pais-de-origem.html>.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

(2019) apresenta a classificação, de modo que, a ocupar o lugar de *sujeitos*, estão aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28), enquanto que aqueles que figuram como *objetos* têm sua “realidade definida por outros, [suas] identidades criadas por outros, [sua] história designada somente de maneiras que definem [sua] relação com aqueles que são *sujeitos*.” (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28). Ao ocupar a posição de *objeto*, o colonizado situa-se no lugar de “Outridade” e, neste espaço, não há validade para sua voz (KILOMBA, 2019). O estado de “Outridade” torna-se ainda mais complexo quando entendido sob a perspectiva interseccional:

Mulheres *negras*, por não serem nem *brancas* nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia *branca*. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. (KILOMBA, 2019, p. 190, grifos no original).

O apagamento das mulheres negras – analisado pelo viés interseccional – acontece pela impossibilidade do *ser eu*, uma vez que a única via conferida se torna a de ser a/o “*Outra/o*” (KILOMBA, 2019, p. 190, grifo no original). A ocupação do lugar de “Outridade” e a impossibilidade de ser *sujeito* configuram, na estrutura colonial, a condição de *objeto*, cuja realidade, identidade e história de quem nela é posta são determinadas a partir de uma relação de dominação com quem ocupa o lugar de *sujeito*.

A presença de Joacine no parlamento faz com que sua voz seja (tenha de ser) ouvida. Com sua história, realidade e identidade próprias, sua presença no lugar de *sujeito* desestabiliza a estrutura colonial e se opõe às posições coloniais. A fala marca a presença do sujeito, é ato de coragem e, assim sendo, “representa uma ameaça. Para



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado” (hooks, 2019a, p. 36-37). *Erguer a voz*, afirma bell hooks (2019a, p. 39), “não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta”. Convém a transcrição de uma fala de Joacine acerca da importância histórica de sua candidatura ao parlamento:

[...] é muito importante historicamente: nunca houve antes uma pessoa negra e mulher cabeça-de-lista numas eleições legislativas. É um exemplo não só para as pessoas de origem africana mas igualmente para todos os portugueses e portuguesas que tal como eu não são oriundos de uma família de elite financeira, intelectual, política. Isto é dar um sinal inequívoco de que há espaço para toda a gente e que esse espaço deve ser conquistado mas também deve ser construído. É da responsabilidade do Estado, dos nossos políticos e também da sociedade construir esse espaço hoje, abrir alas e convidar pessoas a entrar e não só ficar à espera de que essas pessoas, ou os filhos delas, um dia, daqui a uns anos, tenham a hipótese de fazer qualquer coisa. Para combater e eliminar as desigualdades, é preciso abrir espaço para as pessoas pobres, mulheres, minorias, de diversas áreas. Esta é uma época em que está a haver uma dinâmica social no sentido de uma verdadeira igualdade, que é interseccional – as feministas são também antirracistas, um ecologista não pode ser homofóbico, um ativista LGBT não fica indiferente à discriminação de outras minorias. É esse tipo de interseccionalidade que desejamos. E é isso que estamos a ver. Ainda é um início, não adianta entrarmos em euforia. Mas é um início absolutamente necessário. (MOREIRA, 2019, n.p).

A ocupação de um espaço político de decisões por uma mulher negra abre margem sobretudo para que o problema do racismo e do racismo genderizado (KILOMBA, 2019) seja inserido nos debates e nos projetos que acontecem nesse ambiente de grande abrangência e influência social. Em seu estudo publicado em 2017,



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Henriques destacou a escassa presença de parlamentares negros/as como fator preponderante para a ausência de debates acerca do racismo:

Há uma razão racial para que o problema do racismo permaneça fora do debate e das agendas políticas. O nosso parlamento tem um único deputado afrodescendente, mas nunca os partidos fizeram uma reflexão pública sobre essa exceção. Os dirigentes partidários negros são afastados dos cartazes durante as eleições. E por que é que a nomeação, em 2015, da ministra da Justiça negra – Francisca van Dunem – foi notícia? Pelo seu carácter inédito e de absoluta exceção. (HENRIQUES, 2017, p. 13).

A eleição de três mulheres negras para o parlamento português, inserindo-as nesse espaço de representação (e de representatividade), aponta para mudanças, especialmente porque em um ambiente majoritariamente masculino, branco e heterossexual, a presença de mulheres negras quebra tal ordem hegemônica. Além disso, permite que outras vozes, outros olhares e outras realidades, de diferentes percepções, se façam presentes, porque não falam apenas por elas, falam também em nome de outros: “um dos sentidos de representar é, exatamente, falar em nome de outro.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19). Mas é também possibilitar a construção de subjetividades a partir da sua visibilidade, da voz que se faz ouvir, do espaço que ocupa, do seu *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017).

### **3 A literatura como espaço de novas e outras representações**

Na abertura de outras possibilidades de ser sujeito, o que se oportuniza é a construção de novas representações e, com isso, a adoção de outros olhares (BORGES, 2019). Nas palavras de Rosane Borges, para o prefácio à edição brasileira de *Olhares negros: raça e representação*, de bell hooks (2019b),



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

As discussões em torno das novas ordens de representação e novos regimes de visibilidade habitam o coração da política global contemporânea, que tem como um de seus principais fundamentos a indissociabilidade entre *política* e *representação*. Nessa chave, é preciso defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re)inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política. (BORGES, 2019, p. 11, grifos no original).

Proponho, a par disso, pensarmos o espaço literário construído pelo ato da escrita como um lugar onde essa ação transformadora possa se fazer possível. Na medida em que entendemos a literatura como forma de representação e, portanto, como um espaço em que a/o escritora/escritor fala no lugar/em nome de outro, neste “espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 16). Tais indagações oportunizam que a discussão acerca da representação se circunscreva política, ética e esteticamente e, para além disso, repercutem na possibilidade de um espaço aberto à “diversidade de percepções do mundo, [mas] que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18).

Assim como a presença e a voz de Joacine Katar Moreira no parlamento português marcam uma oposição às posições coloniais (*objeto/sujeito*), também o ato de escrever demarca a transição de *objeto* para *sujeito*, por isso, escrever, afirma Grada Kilomba, “emerge como um ato político” (2019, p. 28), mas se configura também como “um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

nomeada.” (KILOMBA, 2019, p. 28, grifos da autora). A literatura, dessa forma, possibilita a construção de “uma contranarrativa da memória colonial” (SCHMIDT, 2016, p. 119).

A dialogar com a experiência vivida por Joacine, no que tange à condição de ter nascido em um país africano, antiga colônia portuguesa, e passar a morar em Lisboa, cidade do (ex) país colonizador, o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, da escritora angolana Djaimilia Pereira de Almeida (2019), narra a história da viagem de Cartola e Aquiles, pai e filho, de Luanda para Lisboa, na década de 1980, em busca de tratamento médico para um problema no calcanhar de Aquiles, e acabam por permanecer em Lisboa, sem o retorno a Luanda.

Djaimilia Pereira de Almeida nasceu em Luanda, Angola, mas cresceu em Lisboa, onde desde então reside. *Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* foi seu romance de estreia em 2015, publicado no Brasil em 2017. Aproximando-se da escrita autobiográfica, neste primeiro romance, destacam-se questões de ancestralidade, origem, preconceito, racismo, feminilidade e colonização a partir da história do cabelo crespo da personagem Mila, desde os seus três anos, quando parte de Luanda para Lisboa. Publicado em 2019, *Luanda, Lisboa, Paraíso*, já distinguido com o Prêmio Oceanos, após ter recebido os prêmios literários Fundação Inês de Castro e Fundação Eça de Queiroz, também apresenta a temática do racismo, porém com enfoque no processo de descolonização e nas questões de pertencimento.

Quando Aquiles, filho mais novo de Cartola de Sousa, nasceu com o calcanhar esquerdo malformado, o pai, que era parteiro no Hospital Maria Pia, em Luanda, “não conseguia disfarçar que a enfermidade de Aquiles era mais um agulhão cravado na cauda da vida.” (ALMEIDA, 2019, p. 9). No hospital, contudo, disseram a Cartola que teria conserto o calcanhar do filho “se ele fosse operado aos quinze anos” (2019, p. 12). Durante os cinco primeiros anos de vida de Aquiles, a família dos Sousa esteve “entre a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

crecente paralisia da mãe Glória e a iminência da Independência. Cartola passou essa meia década à cabeceira da mulher, que piorava.” (2019, p. 12). Completado o período de espera, Cartola e Aquiles viajam para Lisboa: “Sem descer à rua para se despedir, Glória foi a última a lançar-lhe [a Cartola] um adeus de Luanda.” (2019, p. 26). Para Aquiles, o primeiro contato com uma outra realidade: “Aquiles nunca tinha andado de avião e nunca vira ao vivo tantas mulheres brancas tão bem penteadas como as hospedeiras do voo em que seguiram para Lisboa.” (2019, p. 26). Ao chegarem em Lisboa,

Ninguém os esperava no aeroporto, mas era Portugal. [...] Dentro de um táxi, com o olhar curioso de duas crianças, viram Lisboa pela primeira vez. Pareceu-lhes pequena e escura. Caía uma chuva miudinha. Aquiles colou o nariz à janela do banco de trás e um coração feito com o dedo apareceu no vidro embaciado. (ALMEIDA, 2019, p. 27).

Tem-se início, então, o longo período em que Cartola e Aquiles passam a viver em Lisboa. Já nos primeiros dias, Cartola perceberá que o imaginário que construiu da cidade de Lisboa não corresponde à realidade agora encontrada: “Aterrado em Lisboa, porém, a cidade não era como tinha projetado. Nada ficava perto de nada nem era tão imponente como nos postais ilustrados do passado.” (ALMEIDA, 2019, p. 29-30). Em entrevista ao *Jornal de Letras*, acerca dessa não correspondência entre as expectativas criadas por Cartola e o que encontra e passa a viver em Lisboa, Djaimilia destaca:

O Cartola tem um imaginário que lhe vem de postais, livros que leu, o que poderia vir a fazer em Lisboa, quem estaria à sua espera, sobre as extraordinárias possibilidades que o aguardavam. É um homem que tem canetas para contratos que um dia há de assinar. Fantasia a sua chegada a um lugar. Nesse sentido, fala-se de Lisboa como se poderia



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

falar de outra cidade qualquer. O livro lida com o confronto entre o imaginário e a realidade. (ALMEIDA, 2020, n.p).

De acordo com Miguel Sanches Neto (2020), *Luanda, Lisboa, Paraíso* “explora os dramas de uma imigração invertida, de África para Portugal. Esta outra diáspora, seqüela de uma colonização perversa empreendida pelos países europeus, ainda está por ser explorada ficcionalmente.” (NETO, 2020, p. 7). Segundo Neto, trata-se de “uma novela (do ponto de vista narrativo, não é propriamente um romance) de africanos na metrópole” (2020, p. 7). O imaginário de Lisboa construído por Cartola e da vida que teria por lá com Aquiles faz lembrar os escritos de Fanon (2008) acerca do negro que entra na França: “existe uma espécie de enfeitiçamento à distância, e aquele que parte por uma semana com destino à metrópole cria em torno de si um círculo mágico [...]” (2008, p. 38). Menos devagar do que poderia ser, Cartola começa a sofrer mudanças em sua vida ocasionadas pela dinâmica social e econômica da metrópole colonial sem lugar para o “Outro”: em Lisboa, Cartola não tem o prestígio que tinha em Luanda e uma oportunidade de trabalho ele encontrará na construção civil, onde também sem perspectivas nos estudos, passará a trabalhar Aquiles, a baixíssimos salários, o que lhes fará viver em subcondições na periferia da cidade europeia, chamada de Paraíso.

São, contudo, as relações afetivas que sobressaem nessa história tão cruamente melancólica narrada por Djaimilia Pereira de Almeida (2019), a qual afirma que seu interesse foi justamente “explorar a dimensão sentimental” (ALMEIDA, 2020, n.p). Em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, Cartola e Aquiles encontram amor e amizade, nas suas mais dramáticas dimensões, no convívio que têm com o vizinho galego Pepe e sua família. Longe do centro da metrópole, na periferia, sugestivamente nomeada de Paraíso, a maior *dimensão sentimental* do romance é vivida com aqueles que, sendo estrangeiros



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

em Lisboa, também ocupam o lugar de “Outro”, numa geografia colonial sob a qual ainda se organizam as grandes cidades.

A disposição habitacional das metrópoles, a retomar uma organização segregacionista<sup>4</sup> do passado colonial, demarca uma continuação do modo de dominação colonial, ainda que já sob outras formas, configurando-se em um colonialismo insidioso, como conceitua Boaventura de Sousa Santos (2018). Trata-se de um colonialismo que

Floresce em apartheids sociais não institucionais mesmo que sistemáticos. Ocorre nas ruas e nas casas, nas prisões e nas universidades, nos supermercados e nas esquadras de polícia. Disfarça-se facilmente de outras formas de dominação tais como diferenças de classe e de sexo ou sexualidade. Verdadeiramente só é captável em close-ups, instantâneos do dia-a-dia. Em alguns deles, o colonialismo insidioso surge como saudade do colonialismo, como se fosse uma espécie em extinção que tem de ser protegida e multiplicada. (SANTOS, 2018, n.p).

O modo de dominação colonial também se utiliza dessa dinâmica cidadina segregacionista para incidir de forma ainda mais violenta sobre os corpos racializados. O corpo negro e ferido de Aquiles “transcende a cidade, ou seria esta a forjá-lo no espaço e nas condições a que lhe destina” (XXXXX; AUTOR/A, 2020, p. xx). É pelo corpo do homem negro africano que se dá a conhecer o lugar de “Outro” conferido pela metrópole colonial ao colonizado:

De noite, perde o medo: é da cor da cidade, caminha sem o fardo de ser visto, ninguém dá por ele. Tem a cor dos pombos, dos vagabundos,

---

<sup>4</sup> Cabe destacar, mais uma vez, o estudo de Henriques (2017) que aponta para outra cena de reatualização do passado colonial: “No tempo colonial, as cidades eram segregadas: no centro viviam os brancos, nas favelas, os negros. Hoje, se alguém entrar num autocarro que vai a periferia para o centro de Lisboa às quatro da madrugada, só verá mulheres negras.” (2017, p. 18).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

dos gatos, das putas do cais do Sodré, cuja cara não distingue vendo-as de passagem, os seus cabelos caju lambidos, os lábios gastos; da cor dos táxis estacionados a ouvirem relatos, da cor dos telhados, das estátuas, da cor do céu. É carne da carne das coisas, feito do mesmo mármore e vidro negro, igualmente incógnito, sem forma, feito da matéria negra das árvores, dos bancos, das torres das igrejas, das montras mortas para revenda, dos cartazes nas paredes, dos tapumes das obras e do poço que eles escondem onde moram segredos. Para que ter pressa de ir para casa? Os pombos dormem no Rossio pousados na estátua. Choveu e o chão da praça rebrilha à luz dos candeeiros. Ele é um marinheiro em terra, um pescador sem história, o nativo perfumado, o operário coxo. Meu bom Aquiles, quão longe estás tu de casa? Já não há outra casa para além dos toldos da rua Augusta, do cheiro a mijo das casas de banho do Terminal do Rossio, das Escadinhas do Duque, que sobe aos tombos, escadinhas de Sísifo. Não há pressa nem de ter casa nem de ter pai nem de ter mãe. A noite salva-o de estar sujo por dentro. Aquiles tem a cor da noite e não carrega aos ombros o fardo de ser quem é. (ALMEIDA, 2019, p. 144-145).

Para Neto (2020), a trajetória de sofrimento de Cartola se dá até o momento em que ele faz “a descoberta de seu equívoco cultural” (NETO, 2020, p. 7), que seria o de encontrar na metrópole o lugar das grandes oportunidades, de sucesso, de cura do filho, mas que, ao contrário do que pensa Cartola, não é isso que ela lhe oportuniza. Ao compreender sua localização – sobretudo identitária –, o romance finda com um gesto de Cartola:

Sob o arco da rua Augusta, vieram-lhe à memória aqueles velhos postais da metrópole e então reparou que este se parecia com uma boca para duas goelas e que a gente se movimentava ao longo das arcadas como a refeição alegre de um leviatã. E não desviou o olhar até chegar ao cais das Colunas. Cartola olhou o Tejo de frente e deu-lhe uns minutos. Adiante, à superfície, vogava um bidão de plástico arrastado pela corrente. E, como o rio não suportasse olhá-lo a direito nem lhe respondesse, desconversando num marulhar ambíguo, o homem tirou a cartola, jogou-a à água, e virou costas. (ALMEIDA, 2019, p. 198).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Embora tal gesto possa ser lido como o único ato político de rejeição da personagem (NETO, 2020), pode ainda dizer-se um gesto de rebeldia, “de quem se recusa a continuar sob a opressão colonial, visão de mundo que deita fora. O ato inaugura uma nova consciência que permite a possibilidade de reinvenção subjetiva. O ato não é senão ato de resistência, [...]” (ZANDONÁ; MATTIA, 2020, p. 213). O gesto de Cartola, lido como ato de resistência do sujeito colonizado, abala a estrutura sob a qual se firma o racismo e se revela um ato de descolonização de sua subjetividade. Como processo político, propõe bell hooks (2019b, p. 37), a descolonização configura-se uma luta pela definição interna, pois “[...] não se existe mais como a/o “*Outra/o*”, mas como o eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. [...] tornamo-nos *sujeito*.” (KILOMBA, 2019, p. 238, grifos no original).

A história de Cartola e Aquiles explora de maneira pungente a dimensão sentimental das relações entre aqueles que, ainda hoje, ocupam o lugar de “*Outro*”. Uma dimensão sentimental a expor a estrutura de dominação colonial que se quer perpetuar insidiosamente, a degradar ontologicamente populações e corpos racializados (SANTOS, 2018). Enquanto resistência, o gesto de Cartola, a encerrar a história, permite a possibilidade de um futuro, de uma nova história, escrita e contada por outras vozes, permite, por fim, a construção de um outro imaginário. Mas é também, “enquanto arcabouço de representação, uma obra forte, [...] de uma identidade autoral feminina e negra, contra a força centrípeta da identidade europeia.” (NETO, 2020, p. 7). Enquanto ato de escrita literária, abre espaço para que outras vozes se façam ouvir e, assim, se mostra “[...] um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos” (hooks, 2019a, p. 36).



#### 4 Mulheres negras: tornar-se *sujeitas* – considerações finais

Ao ocuparem espaços de representação e terem sua voz ouvida, as mulheres negras rompem com a estrutura patriarcal-colonial e representam, tal como afirma Grada Kilomba em relação ao seu livro *Memórias da Plantação*, “um desejo duplo: o de se opor àquele lugar de ‘Outridade’ e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo.” (2019, p. 15). Oposição e reinvenção como processos que se complementam, propõe a autora, pois não é suficiente apenas se opor, “[...] após alguém ter se oposto e resistido, ‘ainda há a necessidade de tornar-se – de fazer-se (de) novo’. (hooks, 1990, p. 15) Em outras palavras, ainda há a necessidade de *tornar-mo-nos* sujeitos.” (KILOMBA, 2019, p. 28-29, grifos no original).

Passados dez anos da sua primeira publicação em Berlim, *Memórias da Plantação*, escrito em inglês pela autora, foi publicado simultaneamente em Portugal e no Brasil em 2019. Na carta da autora, já na abertura da edição brasileira, Kilomba apresenta também sua preocupação em “[...] esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa; [...]” (2019, p. 14). Há, então, a compor a carta, uma espécie de glossário no qual as terminologias não são, como de costume, definidas, mas apresentadas de forma a revelar especialmente as relações de poder e violência na língua, bem como a urgente necessidade de novas terminologias. Dentre elas, destaco *sujeito*, cuja tradução do inglês para o português encontra-se apenas no gênero masculino: *o sujeito*, sem variações no gênero feminino (KILOMBA, 2019). A inexistência do termo em outras variações: seja no feminino, ou ainda nos gêneros LGBTQIA+, revela, segundo a autora, a tentativa de manter como inexistentes tais identidades: “É importante



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro.” (KILOMBA, 2019, p. 15).

A vigência da ordem colonial-patriarcal, ao não permitir a criação de novas linguagens, o faz na tentativa de manter tal sistema de dominação e a conservar a inexistência de identidades e o silenciamento de vozes. A ocupação de espaços de representação por mulheres negras, onde suas vozes são ouvidas, oportuniza também a criação de uma nova linguagem. Ao romper com uma linguagem de dominação, as mulheres negras tornam-se *sujeitas*.

Em linhas finais, cabe ainda retomar a importância da representação no combate ao racismo. O lugar da “Outridade”, na posição colonial de *objeto*, a que negras e negros comumente ocupam, ao contrário do que se sustenta, não indica “uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade *negra*.” (KILOMBA, 2019, p. 51). Seja no espaço literário, onde, como bem lembra Schmidt, “No círculo de Narciso do pensamento colonial a que ainda estamos presos, em maior ou menor medida, não há lugar para o Outro, só para a repetição do mesmo” (2019, p. 262), seja em ambientes de representação política, como no parlamento, lugar onde prepondera a ordem colonial-patriarcal, as tentativas continuam sendo de silenciamento:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. (KILOMBA, 2019, p. 51, grifo da autora).

O racismo, afirma Kilomba (2019, p. 71), “é uma realidade violenta. Por séculos, ele tem sido fundamental para o fazer político da Europa, começando com os projetos europeus de escravização, colonização, e para a atual ‘Fortaleza Europa’”. A



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

transformação desta realidade precisa de que os espaços de representação sejam ocupados – e também (re)construídos – por novas vozes, por outras vozes que não as mesmas do colonialismo-patriarcal. Para que os espaços se tornem plurais e diversos, com outros modos de ver, sentir, escrever, falar, é preciso que sejam ocupados por mulheres negras como Joacine Katar Moreira no parlamento português e Djaimilia Pereira de Almeida, na literatura.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. (Feminismos Plurais, Coordenação Djaimilia Ribeiro).

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Djaimilia Pereira de Almeida: Literatura, liberdade e alegria. Entrevista a Luís Ricardo Duarte. *Jornal de Letras*, Lisboa, 02 jan. 2020. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2020-01-02-djaimilia-pereira-de-almeida-literatura-liberdade-e-alegria-2/>. Acesso em: 20 set. 2020.

BORGES, Rosane. Das perspectivas que inauguram novas visadas. In.: hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 08-22.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Livros & Livros, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas” de Kimberle Crenshaw: Parte ¼. Trad. de Carol Correia. *Revista Subjetiva*. 14 jun. 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em: 20 set. 2020.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

DALCASTAGNÉ, Regina. O lugar de fala. In: \_\_\_\_\_. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 17-48.

FALCI, Bruno. A eleição de deputadas negras em Portugal e as cicatrizes coloniais. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. 22 out. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-eleicao-de-deputadas-negras-em-portugal-e-as-cicatrizes-coloniais/>. Acesso em: 05 set. 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cática Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREIRA, Joacine Katar. Joacine Katar Moreira: “Eu gaguejo. Isso não me impede de rigorosamente nada”. Entrevista de Maria João Caetano. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. 14 ago. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/joacine-katar-moreira-eu-gaguejo-isso-nao-me-impede-de-ri-gorosamente-nada/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NETO, Miguel Sanches. África fala. *Rascunho - O jornal de literatura do Brasil*, Curitiba, n. 238, fev. 2020, p. 7.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. (Feminismos Plurais).

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O colonialismo insidioso, por Boaventura de Sousa Santos. Portal Geledés, 02 abr. 2018. Disponível em:



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

<https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-insidioso-por-boaventura-sousa-santos/>.  
Acesso em: 18 set. 2020.

SCHMIDT, Simone Pereira. Uma viagem longa demais, um retorno devastador. *Abril – NEPA / UFF*, [S.l.], v. 8, n. 16, p. 119-135, jul. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29894/17435>. Acesso em: 22 set. 2020.

SCHMIDT, Simone Pereira. Corpos e saberes situados ao Sul: mulheres africanas e o jogo mortalmente sério da escrita. In.: GARCIA, Paulo César Garcia; INÁCIO, Emerson. (Org.). *Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo*. 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2019, v. 1, p. 245-264.

ZANDONÁ, Jair; MATTIA, Bianca Rosina. "Papá, onde é mesmo Portugal?": algumas reflexões sobre as vidas que teimam em Luanda, Lisboa, Paraíso. *Letra Magna*, v. 26, 2020. Disponível em: [http://www.letramagna.com/artigos\\_26/texto\\_12\\_26.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_26/texto_12_26.pdf). Acesso em 22 set. 2020.